

Línguas e culturas em Angola

Amélia Arlete Mingas*

Resumo: Toda a língua é produto de uma comunidade social específica e, enquanto veículo viabilizando as interações comunicacionais entre os membros dessa comunidade, é com ela e, através dela, que as sociedades não só partilham conhecimentos, sentimentos e ambições comuns, como também, conformam um Saber geral endógeno, através da textos orais e escritos. À semelhança do que aconteceu com todos os outros Povos, foi pela via da oralidade que vieram à luz, os primeiros textos de cariz cultural, permitindo aos mais velhos transmitir à jovens gerações, todo o conhecimento criado e desenvolvido por todos os integrantes. A experiência colonial criou condições para a emergência, no País, de dois tipos de criações culturais, a saber, textos orais e textos escritos. Os primeiros tiveram como língua de expressão as línguas locais e, os segundos a língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura; Oratura; Período Colonial; Período Pós-Colonial

Tuzaba mana malele ke zimbembu ai cinkulu ci basi Nsi Ngola

Resumo em língua Iwoyo^{**}: Basi yonsoko Nsi bakele mbembu oyo bitubanga. Muna mbembu ben'oyo mwa bibaka ubula zinkungu, ukabaziana luzabu lu Nsi, maiindu ai mamonso mun'ka malele ke nzingulwau masonemeze ai ma mangizi sonama. Dede kwandi buna babelá basi nsi zin'ka lu saba lusonama ko ai luzabu ai cinkulu luna bana buleze balongukwa ke bakuluntu. Basi Mputu ba batwala n'kanda ku Ngola. Mu ibilocio basi Ngola bubaka ulonga cinkulu ci nsi ben'oyo mu n'kanda usonama (cimputu) ai muna mbembu bwala.

Maindu: Luzabu lu mbembu ai luzabu lusonama; Ntangu basi Mputu; Ntangu i nsi ikukwa.

Langues et cultures en Angola

Résumé: Chaque langue est le produit d'une communauté sociale spécifique et, en tant que véhicule permettant des interactions communicationnelles entre les membres de cette communauté, c'est avec elle et, à travers elle, que les sociétés partagent non seulement des connaissances, des sentiments et des ambitions communs, mais aussi, ils conforment

* Doutora em Linguística Geral e Aplicada pela Universidade de Rene Descartes Paris (1994), com tese intitulada "Étude grammatical de l'Iwoyo, orientado pelo Prof.Dr. Emilio Bonvini. Foi professora do ensino secundário, médio e superior com maior contribuição na Universidade Agostinho Neto-Angola onde foi professora catedrática. Esta é uma publicação póstuma autorizada pelo Senhor Jota Carmelino, amigo e colaborador da Revista Njinga & Sepé, a quem agradecemos a sua singela contribuição que honra a figura principal- a Profa. Dra. Amélia Mingas. Para mais informações sobre a Profa. Dra Amélia Mingas, por favor visitar a página oficial dedicada a sua vida pública, académica e profissional: <https://ameliamingas.org/publica>

** Língua Iwoyo, uma língua bantu de Angola. Este texto foi escrito na Bahia em 2012 (publicação póstuma). Tradução do Professor Alberto Casimiro Simbo (Universidade 11 de novembro, Faculdade de Direito, Cabinda/Angola).

une Culture Générale endogène, à travers des textes oraux et écrits. A l'image de ce qui s'est passé avec tous les autres Peuples, c'est par l'oralité que les premiers textes culturels ont vu le jour, permettant aux anciens de transmettre aux jeunes générations tous les savoirs créés et développés par tous les membres. L'expérience coloniale a créé les conditions de l'émergence, dans le pays, de deux types de créations culturelles, à savoir les textes oraux et les textes écrits. Le premier avait les langues locales comme langue d'expression, et le second la langue portugaise.

Mots-clés : Littérature; Orature; Période coloniale; Période post-coloniale

Introdução

Toda a língua é produto de uma comunidade social específica e, enquanto veículo viabilizando as interações comunicacionais entre os membros dessa comunidade, é com ela e, através dela, que as sociedades não só partilham conhecimentos, sentimentos e ambições comuns, como também, conformam um Saber geral endógeno, através de textos orais e escritos. À semelhança do que aconteceu com todos os outros Povos, em Angola, foi pela via da oralidade que vieram à luz, os primeiros textos de cariz cultural.

A experiência colonial criou condições para a emergência, no País, de dois tipos de criações culturais, a saber, textos orais e textos escritos. Os primeiros tiveram como língua de expressão as línguas locais e, os segundos a língua portuguesa.

Oratura e/ou Literatura

Em Angola, muitas foram as discussões à volta de noções como “oratura”, “literatura”, entre homens e mulheres produtores de cultura. Duas grandes senhoras das letras angolanas, nomeadamente Gabriela Antunes – infelizmente já não se encontra entre nós – e Irene Guerra Marques, entre outras, debruçaram-se sobre a necessidade de destrinçar a oratura da literatura, na medida em que somente a segunda implicava a utilização de símbolos escritos. Nesta perspectiva, só era literatura toda a obra cultural escrita.

Contudo, é de considerar que a oralidade não é mais do que uma das fases de qualquer produto cultural porquanto, se nos centrarmos sobre não importa que obra, escrita ou não, forçoso se torna admitir como elemento a ela intrínseco, a descrição, a sua relação com um sector específico de conhecimento ou experiência, a utilização de meios e linguagens próprios, indispensáveis à comunicação dirigida a um público específico, o

leitor, com o qual o autor dialoga.

Produção cultural angolana

A. Período colonial

O período colonial caracterizou-se pela não-aceitação das culturas africanas locais o que levou à proibição de utilização das línguas africanas locais, porque veículos, por excelência, das respectivas culturas. Assim, graças à promulgação de decretos e leis, foi materializada a não atribuição de quaisquer tipos de responsabilidades e funcionalidades às línguas locais, bem como a proibição da sua utilização na educação formal dos Angolanos.

Como consequência desta política linguística, desenvolveram-se condições para a propensão ao desaparecimento de algumas das línguas locais; por outro lado, começaram a emergir em muitos Angolanos e Angolanas, manifestações de perda de auto estima e complexos em assumir as suas línguas maternas, particularmente ao nível de Luanda, a capital do país e das capitais provinciais.

No que respeita às produções culturais angolanas, os séculos XVII e XVIII foram muito importantes na medida em que viabilizaram o aparecimento de uma elite local, a cuja formação, não foram estranhas as contribuições de intelectuais brasileiros e portugueses.

A essa elite se deve, segundo o escritor Mário António, (1889) a criação de um jornal que, pelo seu título, “Muenexi”, denuncia prenúncios da assumpção de uma identidade local própria. Aqui, a utilização do kimbundu, uma língua africana, permite-nos inferir o vínculo a uma outra identidade, a lutas, concessões/cumplicidades, oposições, construções e, o que é mais importante, o reconhecimento de uma diversidade cultural e linguística e, em consequência, a uma unidade na diversidade.

B. Período pós-colonial

Logo após a independência, decisões foram tomadas para que se materializasse o estudo e a descrição científica das línguas locais. Para o efeito, foi criada uma instituição, cujos investigadores propuseram alfabetos para seis das línguas locais - umbundu,

kimbundu, kikongo, cokwe, oxikwanyama e mbunda, - que foram aprovados, em finais de 1987, a título provisório pelo Conselho de Ministros.

Alguns anos mais tarde, foi criada a Rádio Ngola Yetu, que só utiliza as línguas locais nas suas emissões e tem desencadeado esforços no sentido de garantir que todas as línguas locais¹, faladas no país, sejam utilizadas nos seus programas. Foi igualmente criado um canal televisivo que utiliza sete das nossas línguas.

A reforçar esta ação, está a ser analisada na Assembleia Nacional, uma proposta de estatuto das línguas locais, cujo objetivo primário é, não só a sua defesa, através de leis visando o seu estudo e posterior introdução na educação formal dos Angolanos, como matéria e veículo de transmissão de conhecimentos mas também, a generalização do seu uso em todos os atos públicos.

A Universidade Agostinho Neto juntou-se a este esforço nacional de recuperação do património intangível, criando, em duas das suas Unidades Orgânicas, nomeadamente no ISCED-Luanda e na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (Hoje Faculdade de Humanidades) cursos de Línguas e Literaturas Africanas, visando não só a formação de formadores de formadores² mas também, a de investigadores.

No momento atual da nossa história, falar de “Línguas e literaturas angolanas” importa, obrigatoriamente, reconsiderar a importância de tudo o que foi produzido anteriormente, e aí impõe-se entre outras coisas, traduzir tudo o que foi criado pelas gentes que nos antecederam, na medida em que reúne dados importantes definindo um modo específico de estar e de pensar o mundo.

De salientar que, coube à maioria das mulheres angolanas a ingrata tarefa de garantir a sobrevivência das tradições seculares pois, não tendo sido escolarizadas, usavam as línguas maternas a todo o momento. E, no campo, o povo, continuou a usar prioritariamente as línguas locais e a criar novas obras e coube, aos mais velhos, transmitir às jovens gerações, o conhecimento criado e desenvolvido por todos os integrantes da sociedade.

Para fundamento do que dissemos, vejamos de seguida, exemplos de algumas das produções da literatura oral angolana:

Kimbundu – O. Ribas, (1972, p.207)

¹ Num total de treze, a saber, umbundu, kimbundu, kikongo, cokwe, oxikwanyama, iwoyo, ngangela (mbunda, lucazi), lunda-ndembo, songo, olunyaneka-nkumbi, luvale e kuvale.

² Este curso teve início no ISCED/LUANDA há mais de nove anos.

Putu ilonga, kimbundu kilongolola "O português ensina, o kimbundu esclarece"

Neste provérbio nota-se bem o assumir de uma língua e, conseqüentemente, da cultura por ela veiculada assim como a convicção de que, para que o processo ensino/aprendizagem, seja completo e seguro, deverá passar pela língua que melhor se conhece ou seja, para os Ambundu, pelo kimbundu, a língua materna.

Umbundu – Valente (1964b, p. 101)

Ovindele visonēhã olondaka v'amikanda; etu tuvisonēhēla v'olukolo "Os brancos escrevem nos livros; nós escrevemos no peito"

Aqui, salienta-se a diferença entre a língua escrita e a oral, mais próxima dos autores. Escrever nos livros materializa um acto mais frio, sem compromisso expresso do autor, ao contrário de quem escreve no peito, onde está o coração, a fonte da afectividade, do amor.

Nos dois provérbios acima transcritos é óbvio, o distanciamento tanto em relação ao desconhecido (os não negros e, por tal, estrangeiros) como à língua por eles falada, a portuguesa; existe, em contrapartida, a aproximação aos conhecidos, (os não brancos, os nacionais, que falam tão-somente kimbundu e/ou umbundu).

Kikongo – Diogo António, s.d. (1996? p.29)

Ana a ngudi asumbana ka zonzi "Os filhos da mesma mãe que se comprem mas não discutam"

Kimbundu – O. Ribas (1972, p.134)

ni lukwaku lusukula mukwa; mayadi masukula mu pholo "Uma mão lava a outra; as duas lavam o rosto"

Kimbundu – Óscar Ribas, (1972, 146)

Ngidi ubanda ngidi ye "O parente eleva o seu parente"

Nestes provérbios está subjacente o sentimento de solidariedade pois, a *não discussão entre irmãos, o lavar de uma mão à outra e o acto de elevar o parente, o familiar*, pressupõem a defesa da coesão, da aproximação, da necessidade de entendimento, mesmo em situações conflituosas.

Iwoyo/kikongo – (Francisco José - Cabinda)

Cyaku, cyaku; cingana, cingana "O que é teu, é teu; o que é do outro, a ele pertence"

Umbundu – Valente, (1964, p.79)

Cyamãle ocisapa cyakaya cilula; nda wacyambata, wambata olusase "O alheio é um ramo de tabaco amargoso; levando-o, levamos uma faúlha"

Estes dois provérbios espelham bem o reconhecimento do direito à propriedade e do dever de respeitar a propriedade alheia.

_____. (1964 b, p. 45)

Longa ocinyama, kukase omunu "Faz pontaria à fera; não firas o homem"

_____. (1964, p.184)

Ekepa kalilinase l'ositu; omunu kavokendi l'omwenyo "Osso com carne não se deita fora; homem com vida não se enterra "

Aqui temos expresso o respeito pela vida e pelo direito à mesma: valores transmitidos, pelos mais velhos, às jovens gerações;

kimbundu

Domingos Kimbamba (Luanda)

Mu dikanu dya mwadyakimi, mubola maju; kimubola maka "Na boca de um velho apodrecem os dentes, não as palavras"

Reconhece-se aqui o respeito à sabedoria dos mais velhos, pelo que os seus conselhos devem ser seguidos, porquanto espelham o saber de experiências feitas, que caracteriza as sociedades de tradição oral. Este provérbio é, aliás, conhecido em toda a África ao Sul do Sahara.

João Pinto (Luanda)

Kwijiya, uhete " O saber é uma virtude"

Este provérbio dá ênfase ao valor do saber, da experiência, apanágio dos mais velhos, pelo que são respeitados pela comunidade.

Kikongo

Diogo António, s. d. (1996?, p.23)

Mwana fyoti lokele (bweke) nsuki tumbu kwa ambuta za antu " O cabelo da criança ficou seco, castigo aos mais velhos"

_____, s.d. (1996?, p. 60)

Nkalu ya nse vo kayele ku maza ko, ka ilendi mana unduki ko "A cabaça verde se não for ao rio, não perderá o amargor"

Estes dois provérbios reflectem o cuidado que cada educador deve ter para com os seus educandos, pois se o cabelo da criança fica seco, é por descuido dos pais ou, se a cabaça (significando a criança) não for ao rio (isto é, se não for educada), a responsabilidade é, de igual modo, dos seus progenitores.

_____, s. d. (1996?, p. 23)

Tunga ye yandi, wanzaya o fu “Constrói com ele, para que lhe conheças os hábitos”

Aqui, é salientado o valor da convivência e da habitabilidade. Para se conhecer bem uma outra pessoa, é necessário conviver com ela.

Conclusão

A título de conclusão do que acima afirmamos, pode-se inferir que durante a época colonial, as línguas e culturas angolanas eram nada mais que “dialectos e subculturas” da língua e cultura portuguesas. Nesta perspectiva, pensamos que é sobre os académicos angolanos que recai a sublime responsabilidade de criar as condições para a emergência de um amplo conhecimento das culturas locais, na medida em que uma parte que a viabilidade e fiabilidade desta actividade só serão uma realidade se o conhecimento e investigação das línguas locais, nacionais, forem considerados como premissas indispensáveis.

Sendo a cultura um dos primeiros elos de ligação, se bem utilizada, converter-se-á em motor de um renascimento cultural e identitário, tendo como base o Saber plural local pois, durante a época colonial as línguas e culturas angolanas eram nada mais que “ilustres desconhecidas”. Daí o esforço da Faculdade de Letras, no sentido de criar um curso de tradução e interpretação, factor capaz materializar o grande e ambicioso projecto de viabilizar condições materiais e humanas para uma maior coesão entre as distintas línguas e culturas que coexistem no dia-a-dia no linguarejar dos Angolanos e Angolanas.

Uma vez que elas são o garante da vitalidade comunicacional local e veículo dos saberes e sentires locais, com elas ser-nos-á possível reconstruir o Saber total angolano e garantir a preservação das línguas locais assim como da memória coletiva. Para isso, a convergência de todas as vontades e da produção cultural das diversas comunidades é indispensável para a realização de um inventário do que foi possível criar, ao longo de

vários séculos de existência e coexistência de tanto saber diversificado, que constitui patrimônio linguístico e cultural angolano.

Impõe-se igualmente, por outro lado, a elaboração de uma estratégia que tenha como ponto de partida, a diversidade e de chegada, a unidade. Uma unidade plural e poderosa, porque súpula dos valores do País.

Bibliografia

ANTÓNIO, Diogo (2000). *Provérbios em kikongo*, Verona, Topografia Don Calabria.

CESAIRE, Aimé (1959). *L'homme de culture et ses responsabilités*. Paris, Présence Africaine.

DUARTE, B. (1975). *Literatura tradicional angolana*. Benguela, Editora Didáctica de Angola.

GONÇALVES, António Custódio (1999). Gestão política das identidades culturais: Desafios à democratização, in: *Revista Internacional de Estudos Africanos*, n.º 3, 2000, Porto.

MINGAS, Amélia Arlete (2000). *A importância das línguas nacionais na união do povo angolano*. Luanda, intervenção apresentada na Universidade Jean Piaget de Angola.

MINGAS, Amélia Arlete (2002). *Línguas, etnias e nação*. Moscovo, intervenção apresentada na Universidade Estatal de Moscovo.

MINGAS, Amélia Arlete (2005a). *Angola: Línguas nacionais e identidade cultural*. São Petersburgo, intervenção apresentada na Universidade Estatal de São Petersburgo.

MINGAS, Amélia Arlete (2005b). *Culture populaire traditionnelle et modernité*. Cape Town, intervenção apresentada no Workshop “Stories Across Africa”, Universidade de Cape Town.

MINGAS, Amélia Arlete (2006). Participação no Congresso dos Intelectuais da África e da Diáspora, realizado na Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. Título: “*Diáspora, língua e história no processo de ensino – aprendizagem*”.

OLIVEIRA, Mário António de (1889). Factores de elitização de naturais de Luanda na segunda metade do Séc. XIX, in: *Mensário Administrativo*, nº 89. Luanda/Lisboa.

RIBAS, Óscar (1962). *Missosso*. Vol. I, Luanda.

VALENTE, José F. (1964). *Seleção de provérbios e adivinhas em umbundu*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica de Angola.

Recebido em: 02/02/2021

Aceito em: 22/04/2021

Para citar este texto (ABNT): MINGAS, Amélia Arlete. Línguas e culturas em Angola. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.377-385, jul./dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Mingas, Amélia Arlete.(2021, jan./jun.). Línguas e culturas em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(2): 377-385

